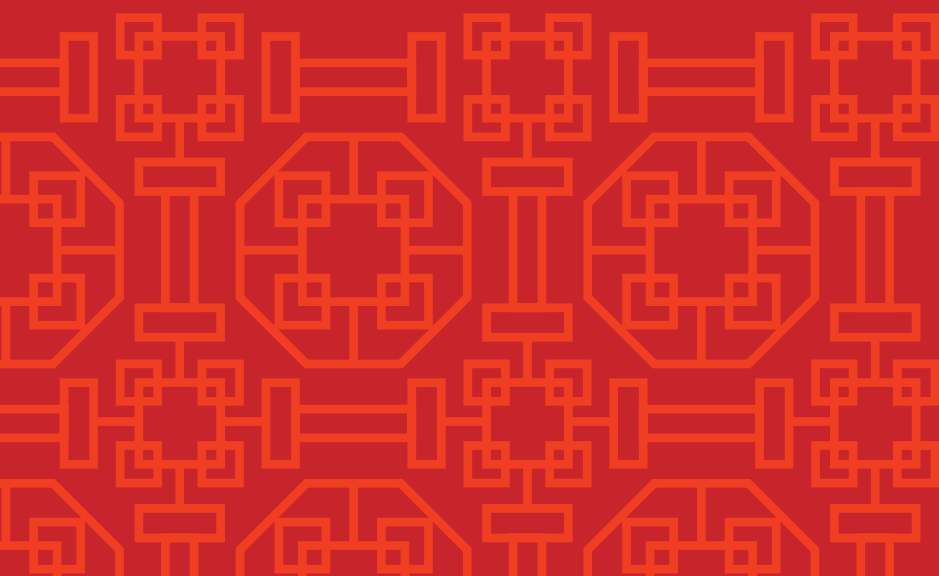


Visões do outro:
**DIÁLOGOS
ENTRE BRASIL
E CHINA**

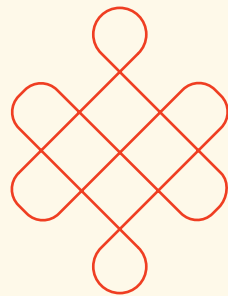


Visões do outro:
**DIÁLOGOS
ENTRE BRASIL
E CHINA**

MUSEU DA
PESSOA

São Paulo 2022





Patrocínio

Sobre a CTG Brasil

A CTG Brasil trabalha para desenvolver o mundo com energia limpa em larga escala. Uma das maiores geradoras privadas do País, conta com a dedicação de seus talentos locais e está comprometida em contribuir com a matriz energética brasileira, pautada pela responsabilidade social e respeito ao meio ambiente. A empresa tem investimentos em 17 usinas hidrelétricas e 11 parques eólicos, com capacidade instalada total de 8,3 GW. Criada em 2013, é parte da China Three Gorges Corporation, uma das líderes globais em geração de energia limpa.

—
Cartaz do navio holandês
Tjitjalengka, que levava imigrantes
chineses, coreanos e japoneses
para o Brasil. Documento de 1965.

Apresentação

Quando Tsai Siu Mui estava na China, tentando aprender português, pensou: “O chinês é mais fácil”, mas, do momento que ela chegou e conseguiu conviver com as pessoas não foi tão complicado. A imigração é um teste para as crianças e isso desperta um espírito de curiosidade. Sentir o desafio do novo é importante.

O projeto de memória que deu origem a esse livro é sobre as diferenças que estimulam a curiosidade entre duas culturas tão diferentes, mas que também carregam pontos de conexão. O que podemos ver aqui, entre linhas e fotos, é uma pluralidade imensa de saberes e fazeres, de experiências e explorações do desconhecido. Como desbravadores de terras novas, aqui temos pessoas corajosas que, sem negar o desconforto ou o medo, persistiram para ganharem o mundo, ampliarem seus horizontes. Nas entrevistas conversamos com gente que inova, cria, reinventa e também com quem faz uma pausa, medita e reflete sobre tudo isso. Percebemos como o Brasil acolheu pessoas de origens tão distantes. Esse livro também narra a história de pessoas que se tornam brasileiras de coração.

Todo recorte é, por definição, incompleto. O material que segue foi produzido no segundo semestre de 2021 e, em vinte entrevistas, buscamos trazer a maior diversidade possível de narrativas. Acreditamos que, como num mosaico, ler esta obra com trechos e fragmentos dessas entrevistas nos dará uma ideia do estado de coisas sobre a relação entre Brasil e China, um retrato atual das vivências de chineses radicados no Brasil e suas reflexões acerca dos caminhos que os trouxeram para cá.

O livro está estruturado em torno de quatro temas que, abstratamente, tentaram captar o espírito das trocas Brasil - China que ocorreram durante as entrevistas: “*Laços de família*”, “*Encontros com a arte*”, “*Ligações*”, “*O sabor oriental*”.



O que se buscou aqui foi materializar as ambições maiores do Museu da Pessoa: dotar de rostos uma história que muitas vezes passa despercebida, pois ela não é feita apenas de personagens grandiosos e atos heroicos. São 30 anos de fundação, 16 mil histórias de vida e 70 mil imagens dedicadas a esta missão, compondo um dos maiores acervos de memória pessoal da história contemporânea brasileira. A questão, aqui, é recuperar a experiência única, intransferível, do indivíduo. Talvez assim consigamos registrar “o tecido social da memória” de uma nova forma mais humana.

Um país é o conjunto de suas pessoas e das pessoas que acolhe, portanto, deve ser representada com uma narrativa de carne e osso, cheia do cotidiano. Buscamos no “comum”, na vida corriqueira - que todos nós levamos - o drama, a virada, a experiência da vida vivida. Quisemos fazer desfilar os momentos decisivos, engraçados, trágicos e sublimes. Nos surpreendemos muito no processo de criação deste livro, e só podemos desejar que vocês também se fascinem. Imigração Chinesa no Brasil, o oriente e ocidente se encontrando nos dilemas, conquistas e desafios que rompem barreiras para tangir o humano.

Este projeto foi viabilizado pela Lei Federal de Incentivo à Cultura (PRONAC 20.4741), com realização do Ministério do Turismo, por meio da Secretaria Especial da Cultura e Museu da Pessoa, com patrocínio da CTG Brasil.

Museu da Pessoa

SUMÁRIO

Laços de família

- 13 A missão
- 15 A ponte de bambu
- 16 Eu sou uma bromélia
- 18 Nunca tão bem
- 21 Viagem ao passado

Encontro com a arte

- 23 Apagado da história
- 24 Tradução, tradição
- 26 Yin e Yang
- 28 Cavalos em nanquim
- 30 “Desvio de conduta”

Ligações

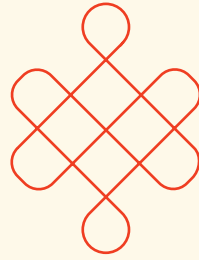
- 33 Rumo ao desconhecido
- 34 Tão perto, tão longe
- 37 O ano não sabático
- 38 Flor do lodo
- 40 Você trabalhou duro

Sabor Oriental

- 43 Master Chef
- 44 A nossa terra
- 47 Setenta pasteizinhos
- 48 Uma coisa bem doida
- 50 A busca da memória

Assista a coleção
de entrevistas do
projeto no portal do
Museu da Pessoa





Introdução

A imigração chinesa no Brasil se iniciou no começo do século XIX, quando cerca de duzentos chineses, a maioria vindos da província de Guangdong, foram trazidos pelo governo para plantação de chá no Rio de Janeiro, capital do Império à época. No final do século XIX houve uma tentativa de facilitar a imigração de chineses para o trabalho em plantações de café – assim como ocorria com os imigrantes europeus, árabes, judeus e sírio-libaneses – mas poucas iniciativas desse tipo foram levadas a cabo.

Até meados do século XX, a quantidade de chineses no Brasil ainda era tímida. Por exemplo, o historiador Boris Fausto atesta que na década de 1930 havia apenas cerca de trezentos imigrantes da comunidade na cidade de São Paulo, principal polo urbano de então.

A assimilação cultural não foi fácil para eles. Além da barreira da língua, havia o impacto das teorias eugenistas da época, que classificavam os “orientais” como raças inferiores, privilegiando a população branca e europeia. Nessa época, era comum a representação dos chineses como vilões do cinema, como o Doutor Fu Manchu – figuras que faziam sucesso nas décadas de 1930 e 1940, povoando o imaginário coletivo.

Aos poucos, porém, estes imigrantes no Brasil conseguiram vencer as dificuldades e o preconceito, se estabelecendo no país, principalmente no setor comercial em São Paulo e no Rio de Janeiro. Assim, as comunidades chinesas criaram, já na primeira metade do XX, diversas associações, grupos e até jornais para atender suas comunidades.

As maiores ondas migratórias aconteceram a partir dos anos 1950, após a Segunda Guerra Mundial. Novos imigrantes foram chegando, vindo de outras regiões da China, e se espalharam pelo país, se estabelecendo em Recife, Foz do Iguaçu, Brasília e Curitiba, entre outras cidades.

Atualmente, a comunidade chinesa é formada por cerca de duzentos e cinquenta mil pessoas no país, metade delas residindo na região metropolitana de São Paulo. Novas gerações têm chegado ao Brasil para trabalhar em diversos setores, não somente no comércio. Cada vez mais, sente-se a presença dos chineses na indústria, na moderna agropecuária e também na mídia, com descendentes de chineses nas produções culturais e no esporte.

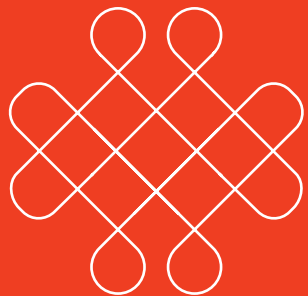
As relações comerciais entre Brasil e China crescem progressivamente, tendo atingido 125 bilhões de dólares em 2021. A cultura chinesa – suas artes plásticas, culinária, música, dança, costumes, etc. – tem despertado o interesse dos brasileiros, atraindo todo tipo de público para festas e eventos. O Brasil abraçou os chineses e se enriquece todo dia com sua presença, pois é inegável que todos são cativados pelo orgulho com que esta comunidade apresenta seus costumes e tradições.

Neste projeto, buscamos entrevistar perfis diversos, entre imigrantes de várias gerações, filhos de imigrantes e também brasileiros que foram morar na China ou têm alguma ligação com o país, seja cultural ou profissional. A partir destas entrevistas, podemos entender melhor a comunhão entre as identidades, as diferenças e as semelhanças entre dois povos e duas culturas.

Esperamos que essa iniciativa seja útil para a divulgação da cultura chinesa e de sua importância para a história do Brasil, e que ler essas histórias seja tão prazeroso para os leitores quanto foi para nós ouvi-las. Deixamos também o convite para que vejam os vídeos e as histórias de vida em sua integridade, disponíveis no acervo e no site do Museu da Pessoa.

Genivaldo Cavalcanti Filho

LAÇOS DE FAMÍLIA



A missão

Meu pai é de família do sul da China, e minha mãe é de Chongqing. Eles se conheceram na época em que meu pai fazia faculdade de engenharia florestal. Mais tarde ele trabalhou como diretor numa fábrica de chás e depois minha família foi para Macau. Os dois tiveram uma experiência triste porque a primeira filha, minha irmã, morreu com um ano de idade, e o meio que ele tentou para amenizar a doença dela foi aprofundar o conhecimento sobre as ervas medicinais chinesas. Ele trabalhou nisso ao longo de trinta anos. Mesmo depois que veio para o Brasil, em 1953, continuou descrevendo as plantas, desenhando, só que aí começou também a fazer comparações com a medicina brasileira.

Quando deixamos a China foram quarenta e cinco dias em um navio holandês, passando por todo o sul da Índia, o sul da África e chegando no Porto de Santos. Só aí nós voltamos a ver meu pai, porque ele já estava havia três anos no Brasil.

De Macau viemos para Mogi das Cruzes, onde havia muitos japoneses. Nós não sentimos o isolamento por causa disso e eu fiquei à vontade na escola. Foi muito tranquilo, na verdade. De quarenta e cinco alunos na classe, quarenta eram nisseis; e dos cinco, dois chineses e só três brasileiros.

Quando eu estava na China, tentando aprender português, pensei: “O chinês é mais fácil”, mas, do momento em que eu cheguei e nós conseguimos conviver com as pessoas não foi tão complicado. A imigração é um teste para as crianças, e isso desperta um espírito de curiosidade. Sentir o desafio do novo é importante.

Meu sonho, ou talvez minha missão, seria fechar o livro do meu pai. Ele trabalhou por trinta anos em anotações das plantas medicinais, e eu tenho esse material comigo. Ele tinha um grande amor pelas plantas, convivia com elas, convivia com o desenho e deixava a gente acompanhar. Nós aprendemos a ter, mesmo na dificuldade, um respeito imenso à natureza, a uma forma digna de viver e às pessoas.

Tsai Siu Mui



Marcelo Machado durante sua entrevista virtual para o projeto “Visões do outro: Diálogos entre Brasil e China”. São Paulo, novembro de 2021.

A ponte de bambu

No início dos anos 1980, eu trabalhava numa produtora de vídeo chamada Olhar Eletrônico e, a certa altura, a gente começou a praticar Tai Chi Chuan. A gente acordava cedo, embarcava em uma Kombi da produtora e ia fazer a prática. Esse Tai Chi Chuan não se limitava à questão do movimento, porque nosso mestre, Liu Pai Lin, ensinava também o que eu chamo de “yoga chinesa”. Na época, em português, se dizia: “os exercícios interiores”.

Além do Tai Chi Chuan tinha a parte do *I Ching*, que é um oráculo e que está ligado ao taoísmo. Então, comecei a me envolver com tudo aquilo, inclusive nos fins de semana. Mestre Liu dava as aulas em chinês, e sempre havia ali jovens da comunidade chinesa que faziam a tradução. Eu, enfim, envolvido naquele universo, até que um dia aparece uma nova tradutora, a Sun Yang Lin. Fiquei apaixonado na hora, foi uma coisa fulminante. A gente se envolveu e muito rapidamente se casou. A China, então, se apresentou de outra forma na minha vida, que não era mais a questão da filosofia ou dessas práticas de cunho meio esotérico. A coisa ganhou um cunho prático e pessoal. Eu acabei constituindo uma família sino-brasileira.

A família da minha esposa teve um restaurante chinês em Campinas por anos, e através desse restaurante eles conheceram a família Martins. Ficaram amigos e foi a Yang que me apresentou a eles. Foi através da minha esposa que conheci o Jaime por volta de 1984. O Jaime era jornalista e conhecia a China da forma que nenhum brasileiro conhecia, isso em um período em que o país tinha ficado isolado do mundo ocidental. Ele trabalhou na TV Cultura e teve um convite, uma vez, para fazer um documentário na província do Anhui, mas, curiosamente, o jornalismo da TV Cultura não se interessou. Eu tinha uma câmera e, como ele sabia que eu era documentarista, falou: “Você não quer pegar essa oportunidade? A gente produz independente”. E fizemos isso, fizemos uma viagem em 2003. Fomos à província do Anhui juntos, ficamos ali pouco mais de um mês e realizamos um documentário chamado *Viagem ao Anhui*, que foi exibido depois pela TV Cultura.

Eu quis fazer esse trabalho porque me parecia, assim, quase obrigatório que eu contasse essa história sobre a relação de brasileiros com a China. Era um assunto que me dizia respeito. Uma parte desse material eu uso no documentário, *A ponte de bambu*, que fiz depois, em 2019. Esse é o meu último documentário de longa-metragem. Quer dizer, o meu mais recente trabalho. Não se diz o último, porque eu pretendo fazer outros.

Marcelo Machado

Raquel Pic Martins durante sua entrevista virtual para o projeto “Visões do outro: Diálogos entre Brasil e China”. Outubro de 2021.



Eu sou uma bromélia

Meus pais se conheceram no fim da década de 1950. Logo depois, em 1961, meu pai recebeu um convite da China para ser locutor da Rádio Peking. Minha mãe viajou no ano seguinte, e os dois se casaram. O contrato era para ficar lá por dois anos, mas os chineses pediram para renovar por mais dois. Como tinham direito de passar férias no Brasil, eles voltaram, porém coincidiu de chegarem duas semanas antes do golpe de 1964. Meu pai foi preso e ficou mais de um ano no Carandiru, mas, quando a Justiça viu que ele não tinha feito nada errado e que havia um contrato de trabalho, ele foi solto e nós voltamos para Pequim. Eu tinha dez meses de idade.

A China passava por um momento de política sensível na época, e nós fomos morar em um condomínio chamado Hotel da Amizade. Existe até hoje. Esse hotel tem quase dois mil apartamentos e foi construído para abrigar trabalhadores russos na década de 1950. Depois, quando eles se foram, vieram outros estrangeiros, como tanzanianos, moçambicanos, angolanos, gregos, albaneses, cidadãos da antiga Iugoslávia, alguns americanos, japoneses, indonésios, gente do Laos, Camboja e os latino-americanos como nós. Eu já fazia a globalização na década de 1960.

O Brasil restabeleceu relações diplomáticas com a China em 1974, e meus pais começaram a planejar a volta. Havia um receio, uma incerteza grande da parte deles, aquilo de como que vai ser, se vai ter emprego, se vai ser preso, se não. Só que no dia que chegamos no aeroporto de Campinas devia ter cinquenta, cem pessoas nos esperando

com faixas, com tudo. Fazia quinze anos que a gente tinha saído, e eu não conhecia ninguém, ninguém, ninguém, mas aí foi um tal de “sou seu tio, sou seu primo, sou não sei quem”, que foi muito, muito, muito emocionante.

Em 1987, eu e a minha irmã conseguimos a bolsa da Capes para estudar na Universidade de Pequim e fomos as primeiras bolsistas do governo brasileiro a estudar lá. Eu me formei em 1991, e em seguida me casei com quem hoje é meu marido, o Mat, ele é finlandês. Vivemos um tempo na Finlândia e depois em Hong Kong, até que voltamos para Pequim em 2001 e hoje voltamos para a Finlândia.

Eu, o Mat e meus filhos somos como uma pequena sede das Nações Unidas. Se estamos almoçando, por exemplo, eu falo português, o Mat responde em chinês, ou ele fala alguma coisa em finlandês e eu respondo em inglês. As crianças depende para quem respondem: para mim em português, para o pai em finlandês.

Muita gente me pergunta: “Qual é sua raiz?”. Isso ficou sem resposta na minha na cabeça até que um dia alguém me falou assim: “Olha lá, é uma bromélia que cresce na árvore”. E, pensando ali, falei: “Eu sou uma bromélia, não preciso de raiz. Estou numa árvore, fico lá e depois, se eu quiser ir para outra, vou”.

Raquel Pic Martins



Carlos ainda criança. São Paulo, 1998.

Nunca tão bem

Minha educação foi chinesa, mas tinha também a influência brasileira. Era complicado. Meu pai veio de Taiwan em 1960, minha mãe, três anos depois; e os dois davam muito valor ao estudo. Eu vivia com a cara nos livros. Passava a maior parte do tempo falando em português lá fora, aí, tipo, voltava para casa e tinha que falar mandarim porque eles diziam que era importante. Naquele tempo eu tinha sotaque e, por exemplo, não conseguia falar “frango” direito; não saía esse “rrrr” por causa da fonética do mandarim, então eu falava “flango” e o pessoal na escola zoava bastante. Aí chegava em casa e não queria falar mandarim.

Eu briguei com meus pais na adolescência porque eles só queriam que eu estudasse e eu queria pelo menos, sei lá, me divertir um pouco, sair. Queria fazer o que meus amigos faziam. Queria ir em festa, nunca fui em festa quando era adolescente. Embora eu continuasse estudando mandarim, passei a ter uma rejeição grande com qualquer coisa relacionada à China, porque eu não queria, digamos, ser alvo de *bullying*, ser zoado. Perdi minha conexão com a cultura chinesa nesse período, só falava um tequinho em casa, assim e acabou.

Mas aí, quando eu estava saindo do ensino médio, comecei a me ligar na questão racial, principalmente os problemas dos asiáticos nos Estados Unidos, e aí caiu a ficha ali que eu não sou igual a todo mundo. Pesquisando o assunto, comecei a entender melhor algumas coisas que me incomodavam.

Gosto de jogar Pokemon, gosto de *animes* e sempre me interessei por cultura pop asiática, mas nessa época comecei a ouvir música e a estudar outras coisas. Minha mãe só vê coisas da China, então lembro que comecei a ver uma novela chinesa, uma coisa que eu nunca ia imaginar na vida, e um pouco por causa disso a gente começou a ter uma relação mais saudável. Eu sempre vou ser brasileiro, está na minha certidão, no meu passaporte, RG, CPF, blábláblá, mas a partir daquele momento consegui me conectar com a China.

Depois da faculdade de relações internacionais eu estava querendo mudar de área, meio perdido nas ideias quando a CCTV me chamou para uma entrevista. CCTV é a TV estatal chinesa. Eu trabalhava numa empresa de tecnologia na época e fiquei tipo: “Que será?”. Eles viram no meu *curriculum* que falo sete línguas, principalmente mandarim e português. Isso deve ter ajudado. Tanto que foi uma entrevista rápida, *light*. Não foi assim: “Qual sua pretensão salarial e blábláblá”. Pensei bastante porque era um ramo no qual eu nunca tinha trabalhado, mas resolvi arriscar. Veio o período de testes, passei um tempo e o pessoal gostou de mim. Noventa por cento das pessoas que trabalham lá são chineses, então, posso dizer que me sentia em casa. Claro que é diferente, eu cresci no Brasil e eles nasceram e cresceram na China, mas posso dizer que me sentia em casa: nunca me senti tão bem em um trabalho!

Carlos Chen

Viagem ao passado

Meu avô já estava aqui quando meu pai chegou ao Brasil. Ele quis ir para os Estados Unidos, mas os Estados Unidos não estavam aceitando imigração de chineses. Ele então tentou vir para Buenos Aires, mas acabou saltando no Rio de Janeiro. Gostou e ficou. No passaporte do meu pai dizia catorze anos, mas ele tinha onze na verdade, porque, na época, essa era a idade mínima para viajar desacompanhado.

Durante a semana nós tínhamos as atividades normais: crianças como eu iam para a escola e os adultos tinham, cada um, seus afazeres. Meu pai trabalhava no restaurante ajudando meu avô, mas nos fins de semana nós passeávamos. Tenho fotos dele comigo e meu irmão no passeio público ali na Cinelândia, na Praça Paris. Chegando a tarde nós íamos ao Centro Cultural Chinês. Ainda existe esse lugar. Ficava na Praça Tiradentes, mas agora é na Avenida Gomes Freire. Ali eram feitos os aniversários, os casamentos, os batizados, as reuniões. A comunidade era pequena na época.

Meu pai me ensinou a amar a China, mas, como veio jovem para cá, queria que nós nos adaptássemos como brasileiros. Tanto que ele se naturalizou, discutia política e tinha até time de futebol. Eu mesma não falo chinês, só sei algumas palavras que ele falava no dialeto dele. Dizia: “Vai buscar isso, faz isso”. Algumas palavras. Mandarim já comecei diversas vezes, mas é uma língua difícil, com muitos tons. De vez em quando, eu inicio essa aventura, mas nunca termino.

Agora há pouco tempo eu e umas quinze pessoas da família passamos um Ano-Novo na China. Nós alugamos um ônibus, e eu fui à vila do meu pai, à casa dele. Eu tive a oportunidade de ver a casa como meu pai descrevia. Ainda está lá na parede o retrato que eu tenho da minha avó. Fomos também ao templo, um templo Chan, que foi dado pelo imperador, porque um antepassado meu conseguiu afugentar os malfeitores da vila. É um templo taoista, e tem até assim, no alambrado, o nome da minha família, porque nós contribuimos com a reconstrução. Sempre tive essa vontade de voltar à vila do meu pai. Sempre. Eu queria conhecer o rio onde ele aprendeu a nadar, a escola. A escola é enorme, uma escola linda, muito bonita, e as crianças estavam até saindo na hora que nós paramos ali diante dela. Aquela viagem para mim foi como a realização de um sonho.

Wally Fonseca Chan Pereira



Familiares de Wally que permaneceram na China. Foto da década de 1960.

ENCONTROS COM A ARTE



Apagado da história

Em 1997 eu estava ainda na faculdade e acompanhava os jornais da minha cidade, Mogi das Cruzes. Como gostava de história, um dia acabei lendo um artigo de um cronista que tinha coluna no jornal *Diário de Mogi*, chamado Isaac Grinberg. Ele escreveu sobre um pintor chamado Zhang Daqian, conhecido no Brasil como Chang Dai-Chien, que morou por vinte anos em Mogi e foi um dos principais artistas chineses do século XX. Essa história me chamou a atenção, e pensei que poderia ser o tema para uma apuração jornalística. Resolvi, então, fazer uma reportagem e fui atrás de fontes, de pessoas que tinham trabalhado com ele, de filhos (ainda havia uma filha dele morando em Mogi). Meu objetivo era resgatar esse personagem, porque apesar de ele ter vivido na cidade entre os anos 1950 e 1960, é praticamente apagado da história. Não há nenhum nome de rua, de praça ou de escola que remeta a ele, nenhum tipo de memória que lembre a sua história.

O Chang Dai-Chien deixou a China em 1949. Veio morar primeiro na Argentina, em 1952, onde ficou um ano e meio, mais ou menos, e depois se mudou pra Mogi das Cruzes, em 1954. A minha mãe se lembra dele andando pela rua. Era uma figura muito diferente porque mantinha a tradição, não se deixava aculturar. Ele usava barba longa e se vestia com uma bata, aquelas roupas tradicionais chinesas. Não quis aprender o português, nem o espanhol, nem o inglês depois, quando foi morar nos Estados Unidos.

Continuei escrevendo sobre ele e tive a oportunidade de ir à China em 2017. Minha sensação era a de que não haveria interesse porque nosso país tem uma tradição de não preservar a memória, e Mogi das Cruzes não era diferente disso, mas ao chegar lá e me aproximar de pessoas que estudavam o Chang Dai-Chien, eu realmente me surpreendi. Conheci o lugar onde nasceu e um centro de memória dedicado a ele. Depois, numa segunda viagem, em 2019, participei da comemoração dos cento e vinte anos do seu nascimento. Ele era uma pessoa ligada às artes, mas também à religião, tanto ao taoísmo quanto ao budismo e, em vários momentos, buscou viver em mosteiros para pintar com tranquilidade. Pude conhecer alguns desses lugares. Um desses templos, na província de Sichuan, é um dos berços do taoísmo.

A história do Chang Dai-Chien no período no Brasil é pouco conhecida na China, então acabei dando palestras, participando de eventos, e recebi o título de pesquisador associado do Centro de Pesquisas Chang Dai-Chien, na universidade de Neijiang, que é a cidade onde ele nasceu. Eu me sentia sozinho aqui falando sobre ele e a cultura chinesa, mas fiquei muito feliz ao chegar lá e ver que tinha tanta gente interessada e até um centro de pesquisas inteiro dedicado a ele.

Guilherme Gorgulho Braz



—
Primeira foto de Rebeca tirada no Brasil, em Lagoa de Taquaral, Campinas-SP, Janeiro de 1986.

Tradução, tradição

Vinte e cinco de janeiro de 1986, foi nesse dia que cheguei ao Brasil. Tinha dezoito anos. Nossa vinda não foi fácil. Meu tio-avô, que já morava aqui, comprou uma passagem barata, mas com uma rota complicada. De Fuzhou nós seguimos para Hong Kong, onde fizemos um descanso e continuamos. Dali fomos para Vancouver, Canadá, e depois Toronto. De Toronto para Lima, Peru, dali para Santiago do Chile e só aí para São Paulo. Demorou quarenta horas. Assim que chegamos esse meu tio-avô veio nos buscar. A gente jantou num restaurante e depois seguiu viagem, de carro. Ele não morava em São Paulo, ele morava em Campinas.

Eu fiz o curso de letras na PUC de Campinas e, como minha mãe era tradutora, estava pensando em trabalhar nessa área, mas depois de me formar consegui trabalho em São Paulo, num jornal da comunidade chinesa que hoje se chama *Jornal Chinês para a América do Sul*. Em São Paulo conheci também a Associação Chinesa do Brasil, e naquela época eles necessitavam de uma pessoa para dar aula gratuita de português para imigrantes chineses recém-chegados. Eles me convidaram e fui lá. Hoje, inclusive, estou trabalhando para fazer um livro didático de português, porque na minha época não tinha um livro adequado para ajudar os novos chegados.

Nessa associação eu montei também o Tang Yun em 1999. Tang Yun é um grupo artístico. Todos os anos, durante o Festival da Primavera, a comunidade organizava festa

para comemorar a chegada do Ano-Novo chinês, mas essas festas eram um pouco sem organização. Então, pensei: “Talvez eu possa montar um grupo”. Chamei pessoas que tinham a mesma ideia e a gente foi atrás de um lugar para treinar. No início era só na Associação, mas depois emprestava até restaurante quando estava fechado. Mexia as cadeiras e mesas e arrumava um espacinho para ensaiar. Com o tempo o número de pessoas aumentou e a programação que a gente conseguia fazer foi ficando melhor. Hoje em dia tem até bastante criança, que faz curso de dança, de música, pintura, essas coisas.

Nosso grupo costuma se apresentar nas festas que a comunidade organiza. A partir de 2016, a Câmara Municipal aprovou o dia quinze de agosto como o Dia do Imigrante Chinês, então ganhamos mais uma data para comemorar. A China é formada por cinquenta e seis etnias, e cada etnia tem o seu vestuário, a sua música, a sua dança. Então esse ano a gente explora a dança de uma etnia, no ano seguinte é a dança de outra. Todo ano sai uma dança folclórica diferente.

É bom compartilhar essas experiências para que as pessoas vejam o esforço que fizemos para entrosar, porque não sou chinesa e não sou brasileira. Eu sou uma mistura, sou sino-brasileira.

Rebeca Jun Lin

I Ming (à direita), com participante interessada na cultura oriental. Foto tirada durante a Festa do Ano Novo Chinês, realizada pela Sociedade Feng Shui. São Paulo, 2018.



Yin e Yang

Meu primeiro trabalho no Brasil, no ano 1964, foi em uma pastelaria na Praça da Árvore. Trabalhei um ano, até que descobri uma coisa boa, que era um casal japonês vendendo pastel com carrinho na feira de domingo. Esse casal vendia pastel. Aí eu vi que, com o carrinho, tem muita vantagem: você não precisa comprar ponto, você não precisa reformar. Para fazer um carrinho, para mim é fácil. Eu só comprava uma chapa de ferro e mandava uma pessoa soldar. E fui vender pastel.

Com o dinheiro que trabalhei em um ano no pastel, comprei o carro mais barato da agência. Todo meio quebrado, mas não tem problema. Eu conserto, eu arrumo, eu era mecânico de automóvel em Hong Kong, China.

Cinco anos depois já deu para comprar uma casa. Ela ainda está lá na Vila Esperança: Rua Maria Carlota. Estação Vila Matilde. Nessa época eu tinha outra pastelaria com oito funcionários na avenida Brigadeiro Luís Antônio. Com 27 anos já tinha uma estabilidade financeira, só que eu, com a filosofia que aprendi na China, não achei essa situação financeira uma coisa boa. Precisava estudo. Sem estudo, não completa. Fiz o Mobral e, na época, tinha um sistema que se chama Madureza, que é como se fosse o supletivo de hoje. Terminei o ginásio e o colegial, fiz boa prova e entrei em faculdade. Primeiro ano, entrei na Faculdade Mogi das Cruzes. Aí, no segundo ano, fiz a transferência para a Faap. Em 1978, me formei como engenheiro civil.

Meu primeiro trabalho foi em uma empresa de estrutura metálica, em São Bernardo do Campo. E ali eu ajudava o dono, que era descendente de português. A empresa dele

já era muito tradicional, sabe? Tem mais de trinta, quarenta anos, mas, financeiramente, não deu certo. E atrasava o pagamento. Aí, saí de lá e montei a minha empresa, porque para arrumar emprego não era fácil na época, em 1980. Tive duas obras de estrutura metálica, acho que marcantes: uma é um posto de gasolina no Centro de Cotia, do lado do cemitério, que era uma área de seiscentos metros quadrados e só foi feito com duas colunas. A outra foi para o SBT. Na época, o SBT, o Silvio Santos, estava mudando do Canindé para a Anhanguera, quilômetro 18. E ele... esqueceram que ali tem rota de avião. Prejudica para fazer gravação. Ali eu desenvolvi um sistema construtivo mais rápido e mais barato, usando chapa de aço e depois concretar por cima. Foi uma obra muito grande, dezessete mil e quinhentos metros quadrados.

As diferenças entre a cultura brasileira e a cultura chinesa são muitas. Os chineses têm uma atitude mais rigorosa, o costume deles mais rigoroso. Aqui no Brasil é mais flexível. O indivíduo atua conforme a situação, conforme a ocasião. Eu dou esse aconselhamento para os meus patrícios: você chegar num local que tem costume diferente, não precisa recusar e não precisa perder seu costume. Não é oito ou oitenta, mas sim *Yin e Yang*. A filosofia do *Yin e Yang* é: os dois se contrariam, mas os dois se encontram.

I Ming

Tai demonstrando pinturas chinesas
com nanquim ao lado de Amaury
Menezes, pintor, com bigode grisalho.
PUC Goiás, Goiânia, 1980.



Cavalos em nanquim

Meus pais contam que assim que comecei a engatinhar, ainda na China, eu já gostava de ficar riscando no chão, desenhando. Era meu *hobby*. Eles contam que foi ali que descobriram que eu podia ser um pequeno pintor. Normalmente os pais querem que os filhos sejam engenheiros, comerciantes, para ganhar dinheiro e tal. Os meus não. Quando falei que queria ser pintor eles me deram o maior apoio.

Estava com quinze anos quando nós chegamos ao Brasil. Um adolescente. A primeira cidade que a gente ficou, durante duas semanas, foi São Paulo. Fiquei fascinado. A vila que nós morávamos no sul da China era pequena, nunca tinha visto uma cidade tão grande.

Eu trabalhava numa floricultura na época em que cursava arquitetura na FAU. Fazia cestas, coroas, todo tipo de arranjo de flores. Era responsável por isso, mas recebia pouco. Trabalhava de domingo a domingo, não tinha feriado e recebia somente um salário. Era desumano, na verdade, mas eu precisava estudar.

Passou o tempo e aí, um dia, a escola exigiu uma pesquisa. Eu pedi licença para ir na biblioteca municipal de São Paulo, para fazer pesquisa. Era um domingo de manhã quando cheguei lá, ao lado da Praça da República, e vi alguns artistas vendendo quadro. Fiquei observando. Terminei a pesquisa. Chegando em casa, falei para minha mãe: “Descobri uma coisa: eu posso vender meus quadros!”. “Como?” Aí eu expliquei e ela falou assim: “Uai, um dia você pode tentar fazer isso”. Como eu nunca tinha parado de pintar, eu falei para ela: “Vou juntar minhas pinturas, vou levar para vender”. Pedi licença de novo para meu chefe e fui lá. Levei as minhas produções numa

pasta e coloquei penduradas no varal com prendedor de roupa. Era pintura chinesa, principalmente de cavalos, que eu tinha um certo domínio. De noite cheguei em casa trazendo a pasta e minha mãe perguntou: “E aí, como que foi?”. Eu falei: “Olha, difícil”. “Ah, é?” “Nossa, não é fácil. Não sei se eu volto lá, não.” Minha mãe me consolou: “Não, filho, a primeira vez é assim mesmo, depois o pessoal vai conhecer e tal”. Aí tirei um maço de dinheiro do bolso e falei: “Mãe, vendi tudo!”. E entreguei o dinheiro para ela. Olha, foi o dia mais feliz, foi o encontro de uma oportunidade.

Eram poucos artistas no começo, mas com o tempo começou a juntar, e antes de a prefeitura criar um controle tinha briga. Para expor lá eu ia cada vez mais cedo. Eu e meu irmão chegamos a ir lá na véspera, à noite, para colocar o varal e dormir no banco frio, de concreto, na praça. Chegava o policial: “Que vocês estão fazendo aqui?”. “Nós estamos guardando o nosso lugar.” “Ah, tomem cuidado.” Foi assim até que a prefeitura organizou e essa feira *hippie* se tornou um evento turístico. Muitos compravam as minhas obras e, como eu vendia pinturas de cavalos, de pincelada rápida em nanquim, isso espalhou no Brasil todo. Aí um jornalista da Gazeta, *Jornal Gazeta*, fez uma reportagem falando sobre mim e eu fiquei conhecido não como Tai, mas como o pintor de cavalos.

Tai Hsuan An

“Desvio de conduta”

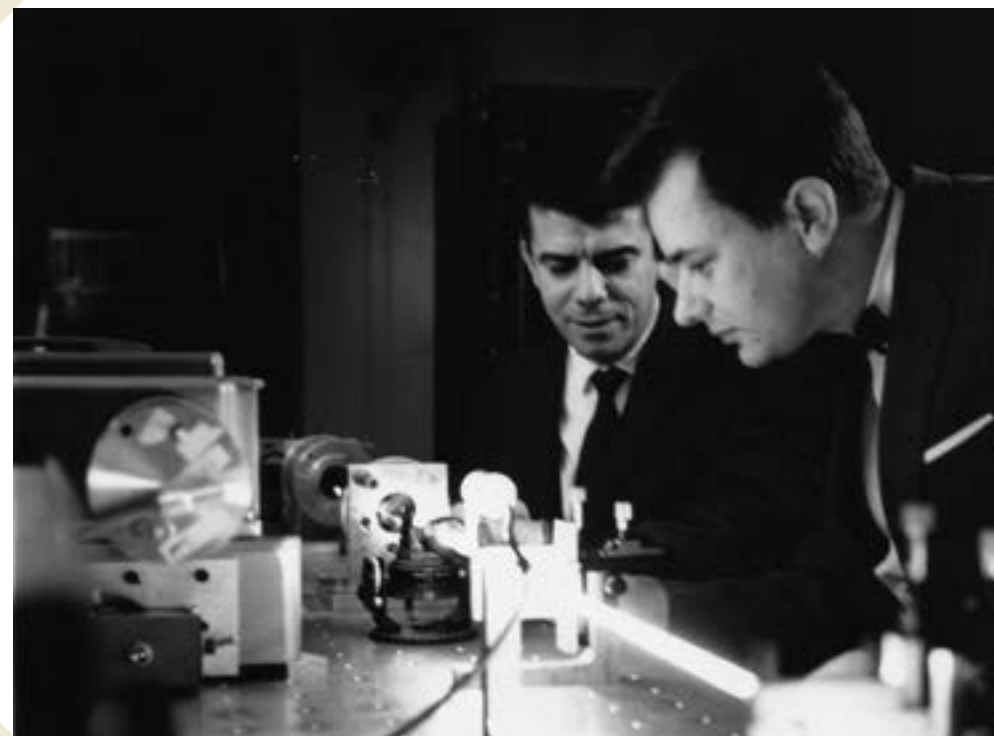
Comecei a me interessar por arte chinesa quando fui convidado pela Academia de Ciências da China para uma visita ao país em 1988, mas esse “desvio de conduta” começou quando eu era aluno na França. Era estudante, não tinha muito dinheiro, mas já comprei uns quadros. Acho que fui um dos primeiros ocidentais a visitar a China formalmente, a pedido do governo. Passei um mês lá visitando centros de pesquisas, e foi a partir daí que me interessei pela arte chinesa. Na primeira vez comprei algumas peças de marfim, um material que foi muito trabalhado no país depois do século XV. Havia lojas em que você podia comprar peças de interesse arqueológico ou simplesmente bonitas.

Além disso eu tenho uma boa coleção de pinturas, mas elas foram adquiridas posteriormente. No Brasil isso é muito fácil. Famílias tradicionais iam à Europa e compravam obras chinesas (era moda). Os filhos ou os netos vendem essas obras barato. Também tem os embaixadores, comprei muita coisa deles.

A China tem duas grandes fases: uma é do bronze, que o país desenvolveu muito antes que outros países. Há quatro mil anos eles já tinham uma técnica com bronze que mesmo hoje é dificilmente alcançada, e ele passou a ser uma coisa também muito valorizada pela cultura chinesa. Logo depois veio a fase da porcelana, e havia também um grande amor pelo jade, que passou a ser um emblema da China. A criança, ao nascer, durante muitos anos, muitos séculos, recebia um pequeno objeto que levava com ela ou deixava em casa. Isso era muito comum. Jade era, digamos, quase tão caro quanto o ouro ou a prata, e é uma das minhas maiores subcoleções.

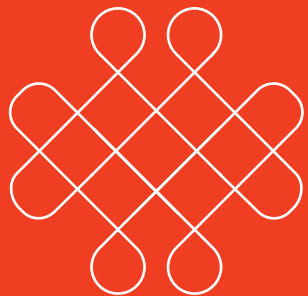
Além da coleção de obras chinesas, tenho mais sete coleções diferentes, algumas de dimensões iguais às da chinesa, que tem mais ou menos mil peças. Tenho também peças pré-colombianas, japonesas e outras coleções menores, e tenho tentado negociar, com o governo de São Paulo, um prédio que eles não aproveitam. É magnífico e está vazio, mas o governo não decide o que fazer, é uma inércia enorme. Por outro lado, tenho apoio da Unicamp, da PUC, do prefeito e de todo mundo, digamos, tentando obter esse prédio para montar um museu, porque no Brasil, para falar a verdade, não existe um museu realmente arqueológico e antropológico. Existem algumas coleções boas, importantes, mas não fazem um conjunto, não é uma totalidade. Esse é o meu projeto maior atualmente.

Rogério Cerqueira Leite



—
Prof. Rogério e Sérgio Porto,
testando uma máquina de raio
laser num laboratório de Bell Labs,
Nova Jérsei. Foto de divulgação.
EUA, década de 1960.

LIGAÇÕES



Rumo ao desconhecido

Xinzhou é uma cidade pequena da província de Hubei, no centro da China. Foi lá que eu nasci, mas meus pais eram professores e de vez em quando tinham que mudar de cidade. Na época da faculdade nós morávamos em Wuhan, mas eu decidi que iria fazer o curso em outro lugar. Queria algo diferente e escolhi ir para Cantão, que é uma província que é como se fosse um país estrangeiro. A língua nem é mandarim, é outro dialeto. Eu diria que a diferença é como se fosse a diferença entre português e italiano. Tipo assim: tem coisa parecida, mas tem que aprender para falar. Fui para lá então e comecei a viver de forma independente. Não tenho nenhum problema com meus pais, mas queria me jogar em uma cultura diferente, do tipo: “Já não tenho minha zona de conforto. Preciso me adaptar”.

Minha mãe era professora de inglês e recebia convites para trabalhar fora. Quando eu cheguei aos vinte anos, ela teve essa oportunidade de vir para o Brasil e foi trabalhar no Instituto Confúcio, na Unesp. E aí, em 2012, quando eu estava no último ano da faculdade, meu pai e eu viemos visitá-la. A gente ficou aqui por dois meses, principalmente em São Paulo, e eu comecei me interessar por este país.

Minha impressão foi assim: o clima é muito bom, o céu é azul, sempre com muitas cores, as paredes sempre têm alguns grafites e não tem nenhuma casa parecida com a outra. Se você mora em um bairro sempre cada casa é diferente, tem muitos verdes. Eu gosto das cores e tal, desenhos, isso me dá um efeito muito grande de como desenvolvo a memória de um lugar. Então, por causa disso, a impressão sempre foi positiva, porque sempre tem sol, céu azul, nuvens brancas. Parece uma pintura. Na China a gente só viu nas fotos que foram *photoshops* e aqui tudo, mesmo sem *photoshop*, parece com *photoshop*. Tipo, tudo para mim aqui é muito... as cores e os sabores são mais saturados: as frutas são bem doces, azedas, muito salgado também. É tudo mais exagerado, mas de uma sensação boa. A diversidade também chamava a atenção, que as pessoas são sempre diferentes: cara diferente, cabelo diferente, cor da pele diferente. Isso realmente é uma das coisas que eu percebi na minha chegada aqui e que continua, permanece.

Yarui Dun

Tão perto, tão longe

Eu morei em vários lugares diferentes durante minha infância. Passei um bom tempo em Foz do Iguaçu, porque a gente tinha parentes na cidade, principalmente do outro lado da fronteira, no Paraguai, na época era cidade de Presidente Stroessner e atualmente Ciudad del Este. Morei sete anos lá, mas depois passei dois anos em Taiwan, China, em função do trabalho da minha mãe. De Taiwan voltei para Foz e aí vim para São Paulo. Acho que somada a infância e a adolescência, devo ter estudado em sete, oito escolas diferentes.

Em termos do que eu queria ser quando crescesse, acho que muito cedo eu falei: “Quero fazer o que os meus pais fazem: ser empresário, ter o próprio negócio”. Nesse momento eu gostava de computador, que antes da internet era uma atividade mais solitária, de ficar concentrado, jogando sozinho. Na minha escola, aliás, todo mundo era *nerd*. Nossos intervalos eram muito trocando jogos, dicas de jogos, coisas assim.

Eu me tornei executivo de uma empresa chinesa de tecnologia, de *smartphone*, especificamente na Xiaomi, e eu atuo muito, nos últimos anos, fazendo conexão Brasil-China, no mercado de tecnologia. Nessa consultoria, atualmente, estou focado muito em comércio eletrônico via *live streaming*, que é o formato que vem se desenvolvendo na China e acho que consegui desenvolver muito isso em função destes dois aspectos, destas duas características. Primeiro por já ter trabalhado a vida inteira no mercado de *e-commerce* aqui no Brasil, de internet, mais especificamente, e num outro ponto por ter *background* chinês.

A comunidade chinesa é bastante centrada em negócios tradicionais de comércio, de importação, de serviços, ou de quem acaba indo estudar para virar engenheiro, médico, advogado. Espero que nos próximos anos essa realidade mude. Eu, pelo menos, tenho tentado trabalhar por essa conexão. Criei um grupo no WhatsApp que tem, se não me engano, setenta pessoas que são sino-brasileiros, a maior parte nascida no Brasil, filhos de chineses e alguns que migraram muito jovens, mas que têm três temas em comum: empreendedorismo, tecnologia e origem.

O mercado chinês de comércio eletrônico é o maior do mundo, e os chineses que estão aqui não fazem nada com relação a isso. A gente não aproveita o potencial que tem, talvez por uma falta de conexão da própria comunidade e do próprio entendimento dos brasileiros com relação aos chineses. Eles não se aproximam. O brasileiro que tem interesse na China é mais próximo da China do que o chinês que está aqui, que às vezes é seu vizinho. O brasileiro interessado na China está mais conectado lá, pela internet, principalmente, e não com o chinês que está aqui. Para mim essa desconexão da comunidade com a sua origem é o maior absurdo que pode acontecer.



Cena de natureza. Tai Hsuan An.
Goiânia, 2019

O ano não sabático

Meus pais eram sul-coreanos e migraram para a Argentina até que, no fim dos anos 1990, vieram para cá. Minha infância foi toda no Bom Retiro; no interior do Bom Retiro, na verdade, porque eu vivi dentro da comunidade da qual fazia parte. Fui alfabetizada em coreano, fazia saudação à bandeira coreana na escola todas as manhãs e as minhas brincadeiras de infância eram brincadeiras coreanas.

Alguns anos depois eu tive que fazer o ensino médio em uma escola do Paraíso, e, nossa, fiquei muito perdida, porque eu aprendi que havia diferenças culturais, e nessas diferenças também uma hierarquia do que é mais aceito e do que é menos aceito. O começo foi doloroso, mas, por outro lado, também foi um momento bom porque entendi um pouco mais sobre o Brasil.

Quando fiz a faculdade, passei um tempo trabalhando com direito tributário até que um acontecimento mudou o rumo das coisas. Eu tinha o plano de tirar um ano sabático para viajar pelo leste asiático, e então pensei: “Que tal aprender mandarim?”. Comecei a estudar e percebi que várias pessoas da minha rede de contatos profissional estavam fazendo a mesma coisa. A gente se juntou e assim eu descobri um programa de mestrado fora, do qual gostei muito. Resolvi me inscrever e foi aí que, de fato, entrei no mundo mais acadêmico da China. No fim não fiz meu ano sabático.

Eu participei então da criação de um portal chamado Observa China, porque entendi que algumas pessoas sentiam falta de ter um espaço que aproximasse o Brasil da China. Seria uma ajuda para facilitar a entrada de jovens não só acadêmicos, mas profissionais e interessados em diversos assuntos. A China não é um país que surgiu há cem anos, tem mil assuntos para se falar sobre o país. São muitas camadas, e a gente queria facilitar o acesso a todo esse entendimento, que a gente segue não tendo, mas pelo menos busca ter. A gente quer que as pessoas se conectem.

Eu cresci com uma visão estigmatizada da China, e tive, até muito recentemente, conversas difíceis com a minha mãe, de: “Mãe, não, você não está entendendo, você está julgando, isso é uma percepção errada”. Acho que para mim é importante falar sobre isso, sobre esse preconceito que a gente tem com o que é diferente. Meu sonho é que eu consiga superar as barreiras que eu mesma carregue e conseguir me aprofundar nas diferenças, não só com a China, mas também expandir meu olhar para outros países.

Paulina Cho



Três gerações da família: Ju Youn Sun (mãe), Paulina e Jin Sook Jun (avó). Esta criou seus filhos sozinha, virando exemplo para Paulina. Bairro do Brás, 1993.

Flor do lodo

Eu trabalhava como jornalista e tinha uma editora ali pela metade dos anos 1980 quando surgiu a oportunidade de trabalhar no recém-criado Ministério da Reforma Agrária, isso no governo Sarney. Chegando lá, comecei a fazer uma pesquisa sobre o resultado dos assentamentos feitos no Brasil. Fiquei um ano trabalhando, aprendendo um montão, até que a uma certa altura tive curiosidade de ver como estava esse processo na China. Pedi na embaixada uma viagem de investigação sobre a descoletivização da agricultura e eles aceitaram. Fui com minha mãe para lá em outubro de 1986.

Escrevi vários textos sobre essa viagem e inclusive um livro. Meu erro principal nesse livro foi que, ao relatar minha viagem e as transformações econômicas de Deng Xiaoping, eu me apoiei muito em alguns autores franceses, que diziam que as reformas iam dar com os burros n'água. Eles não acreditavam que ia dar certo e deu. Primeiro vi que tinham descoletivizado o campo. As famílias estavam felizes da vida, com terra, podendo vender seus produtos, e se podia ver como as reformas de mercado iam entrando.

Foi emocionante um dia, em Xangai, quando nós fomos visitar um casarão estilo francês de três andares, que eles devem ter desapropriado e transformando numa escola de música para crianças. Vimos as crianças tocando, inclusive, e minha mãe, na saída, encheu os olhos de água: “Agora eu te entendo”, falou. Achei que ela fosse ficar assustada, com medo, mas não, ela achou bacana.

Desde 2002 consulto regularmente o I Ching e leio livros sobre a cultura chinesa. Esse é outro capítulo, o taoísmo, porque em 2003 eu aprendi meditação zen em um retiro na Espanha. Juntei o taoísmo, o budismo e o confucionismo, tudo para entender a cultura chinesa. E vou começar a estudar a língua agora. Já entrei em um curso *on-line*. Estudar a cultura ensina muito. O próprio ideograma já faz o chinês pensar o cérebro direito e esquerdo, diferente de nós. A leitura leva à formatação do cérebro.

O nome Li An não tem nada a ver com a China. Eu me chamo Marília Andrade, mas não gostava e estava reduzindo, cortando sílabas. Quando fui ver, sobrou Lian. Só depois eu vi que Li An, em chinês, quer dizer flor de lótus, que é um símbolo budista, algo que nasce do lodo e sublima. Quer dizer que qualquer um tem condição de ser iluminado. Um símbolo um pouco ousado até, mas foi sem querer.

Marília Andrade (Li An)



Li An (de azul) e sua mãe Vera Furtado, à sua esquerda, durante visita guiada em Taiyuan, China, 1986.

Formatura do mestrado com o reitor da Universidade de Hubei, em Wuhan, 2015.



Você trabalhou duro

No final do primeiro ano do ciclo básico do curso de letras na USP, nós escolhemos se vamos fazer só português ou português e linguística ou português e outra língua ou até só outra língua. Você tem possibilidades, e pensei: “Vou fazer uma coisa diferente”. A maioria dos colegas queria fazer especialização em inglês, espanhol, e eu queria sair dessa mesmice. Então pensei: “Bom, o que posso escolher aqui? Nossa, tem chinês, olha só que coisa incrível!”. Nunca tinha tido contato com língua nem com a cultura chinesa; nada, zero. Mesmo assim coloquei como primeira opção. Fiz dois, três anos do curso, e depois vi que havia a possibilidade de desenvolver a proficiência. Juntei as economias e fui.

Chegando na universidade, a pessoa que cuidava do alojamento falava um dialeto e eu não entendia uma palavra. Tudo que eu via, tudo que eu ouvia estava em chinês, e eu ligava para minha mãe chorando: “O que eu vim fazer aqui?”. Ela foi superamiga nesse momento e falou: “Você sabe por que você foi aí. Você me falou que ia para a China para conquistar sua proficiência, então seja forte”.

Certas coisas que aconteciam me deixavam confusa. Por exemplo, eu estava fazendo alguma coisa e aí um chinês vinha e perguntava: “Nǐ yào qù nǎlǐ?”, que é “Aonde você vai?”. Aí eu pensava: “Por que ele quer saber aonde eu vou?”. Eu não entendia que, na verdade, aquele era um cumprimento e ficava meio assim: “Como pode perguntar isso? É a minha vida privada”. Depois, conforme fui estudando, vi que todo dia alguém me perguntava: “Aonde você vai?”. “Você comeu?” “Você está estudando?” Aí entendi.

Então, hoje, quando dou as aulas para o pessoal iniciante, sempre falo: “Gente, se um chinês te perguntar aonde você vai, assim de primeira, de cara, ele está te cumprimentando. Não fica pensando que ele é enxerido e quer saber da sua vida”.

O chinês é uma língua concisa, não tem conjugação verbal, não tem flexão de gênero, de número, o que facilita a nossa vida de aprendiz e, claro, dificulta a de quem aprende o português. E na hora de traduzir, fora essas características da língua, a gente tem também o uso de expressões idiomáticas e provérbios que tem a ver com a cultura. Então, depois de trabalhar o vocabulário e as estruturas gramaticais, a gente precisa dar um passo além para entender o que aquela palavra ou aquela expressão significa, segundo o pensamento chinês, e como colocar isso em português. Tem uma expressão em chinês que eu não sei como traduzir. É “Nǐ xīnkǔle”, e quer dizer: “Como você trabalhou duro! Nossa, você trabalhou duro!”. Então, por exemplo, eu peço para você fazer alguma coisa, você faz e eu falo assim: “Xièxiè, nǐ xīnkǔle”, “Obrigada por me ajudar com isso, você trabalhou duro”. É uma expressão que eles usam, só que a gente não fala isso em português. Eu sei o que é, entendo como se usa, mas é difícil achar o jeito de falar aquilo em português.

Verena Veludo Papacidero

O SABOR ORIENTAL



Master Chef

Meus pais foram muito duros comigo quando eu vim da China para cá em 1997. Nem bem consegui mudar o fuso, doze horas de fuso, eles já me colocaram numa escola que não tinha nenhum descendente asiático. Eu não entendia nada. Não sabia que tinha intervalo, que tinha lanche, nada. Tudo diferente, nem a lousa eu conseguia entender. Aqui tudo letra cursiva, então eu olhava: “O que está acontecendo? Só um monte de desenho, eu não consigo distinguir”.

Anos depois chegou a hora de fazer faculdade. Escolhi estatística, mas logo vi que não era meu sonho. Eu gosto de cozinhar, de mexer nas comidas, ver a execução de um prato saindo. Nas festas da faculdade eu sempre me encarregava na parte de fazer doces: bolo, brigadeiro. As pessoas falavam: “Nossa, está muito gostoso, pode casar”. Eu não entendia esse elogio. Tipo: “Por que, né?”. E toda noite, depois do trabalho, eu chegava em casa e fazia alguma coisa na cozinha. Era uma terapia para mim. Então quando me vi frustrada no trabalho, falei: “Acho que vou atrás desse sonho”.

Meus pais trabalham no “atacadismo”, eles quase não têm folga. Quase todo dia saem oito horas da manhã e voltam quase sete horas da noite, então eu tinha que me virar nos almoços. Minha mãe chegava cansada, ela simplesmente fazia algo com carne, legume, um arroz e pronto. Eu reclamava: “Mãe, essa coisa está horrível!”. Ela me olhava: “Faz você mesma”. Aí comecei fritando um ovo, depois fui caprichando até um momento em que meu pai me olhou assim: “Quer fazer um jantar para a gente?”.

Um dia começou a abertura da primeira inscrição do *Master Chef*, o *reality show* de culinária. Aí meus amigos: “Olha, vai lá e inscreve, você consegue”. E eu falava: “Não consigo, não”. Você olha esse programa de fora, a pessoa tem que ser muito craque, tem que ser muito ninja. Falei: “Não vou, não”. Aí passou a primeira temporada, eu acompanhei, olhei e pensei: “Acho que consigo!”. Isso é um caráter de chinês: a gente, se não é topo das áreas, a gente normalmente costuma falar que não é bom em nada.

Fiz a inscrição da segunda temporada em outubro. Aí um dia de fevereiro eu estava no ponto esperando o ônibus, tocou o telefone e atendi. “Oi, aqui é a produção do *Master Chef*.” Aí eu olhei o ônibus e me deu um branco: “Calma aí, você falou que é do *Master Chef*?”. Deu branco, de processar as informações na cabeça.

Cheguei até o terceiro lugar. Tudo foi surpresa para mim. Fui chamada para evento, pessoas me reconheceram na rua, essa exibição mudou minha vida. Agora acho que, com o tempo passando, ainda estou firme que vou abrir algum onde eu possa cozinhar para alguém.

Jiang Pu

A nossa terra

Nasci em Shangai no ano 1944. Depois, quando nós saímos, casei, tive filho e saí da China, em 1978, que nós tínhamos passaporte, permissão para sair. Aquela época o presidente do Brasil era João Figueiredo. A gente veio com avião da Varig. Primeiro ia para Hong Kong, China, ficava em Hong Kong uma semana, depois Tóquio e aí já tem passagem para Lima, Peru. Quando chegou em Congonhas, São Paulo, eu vi carros, tem prédio, mas aquele dia eu não vi nada de índio, indígena, porque eu pensava que o Brasil era assim.

Mais ou menos um ano, dez meses, eu vi um restaurante pequeno, no Paraíso. Está falido, quer vender. Então fiquei na porta olhando, falo: “Não pode ser que não ganha dinheiro. O problema é dele. Então, eu compro”. Na época que cheguei tinha um pouquinho de dinheiro e família que ajuda. Comida brasileira é muito boa. Depois eu mudei para outro restaurante maior na Peixoto Gomide, perto da Paulista.

Nossa palavra em primeiro lugar é trabalho. Brasileiro não, brasileiro é só a felicidade. Uma vez um empregado que muitos dias não vem, depois passa uma semana e pouco, aí ele volta: depois passa uma semana e pouco ele volta: “Onde você foi?”. Ele fala: “Não, aquele dia no ônibus eu conheci uma menina muito bonita. Então, não posso vir para o trabalho, vou perder o contato dela”. Eu falei: “Trabalho é primeiro lugar”. “Não, trabalho é para viver.” Eu fico doído.

Minha filha foi para os Estados Unidos, Atlanta, e eu e minha mulher fomos também. Nós não temos nada que fazer, então hoje tem babá de graça para ela. Cuidar do nenê. Há três meses nós mudamos. Gosto daqui também, mas inverno é muito frio, tem negativo 26 graus. Um dia quero voltar para o Brasil, levar meu neto e neta para conhecer a terra de vô, a nossa terra.

Mao Hung Tseng (Simon Mao)



Simon (segundo da esquerda para a direita) com Gu Mu, Conselheiro de Estado e Ai Zhiseng, Diretor do Escritório Geral do Conselho de Estado chinês.



Thomas e sua família,
São Paulo, 2020.

Setenta pasteizinhos

Meu pai veio de Hong Kong jovem, com três anos de idade, com meus avós. Já minha mãe veio de Taiwan, com minha avó, mas muito pequena. Os dois se conheceram no Brasil, aqui na Avenida Paulista. E se casaram cedo também. Do lado da minha esposa, Ana, os pais dela vieram de uma cidade chamada Shenzhen, perto de Xangai. Minha infância foi primeiro na Vila Mariana e depois na Aclimação, que é um bairro de São Paulo conhecido por ter muitos orientais.

Uns dois ou três anos depois que me formei em um colégio americano eu morei na China. Fiquei em Pequim por um ano e meio, conhecendo o país, estudando mandarim. Esse tempo foi muito bom para mim, porque você começa a trazer a cultura das suas origens, toda a questão da língua, porque o hanzi, quando você estuda o hanzi, estuda a história também. Todos os caracteres em mandarim têm um significado. Lá eu aprendi muito, muito, muito. Fiz uma verdadeira imersão na cultura e na língua.

Um capítulo especial dessa viagem foi a culinária. Por exemplo, uma coisa que eu adorava comer, que a gente ia nas universidades e tinha também, é o “*dumpling*”, o “*Shuǐjiǎo*”. “*Dumpling*” é o pastelzinho a vapor. O de carne moída era o meu favorito. É muito bom. E eu lembro que quando eu fui para a universidade, com uma amiga, ela falou: “Não, Thomas, fica à vontade, usa meu cartão, veja o que você quer comer”. Sei que eu, junto com meu irmão, pedi setenta pasteizinhos “*Shuǐjiǎo*” para comer. E comemos os setenta “*Shuǐjiǎo*” tranquilamente.

Em outro dia, minha amiga falou: “Vou levar vocês para comer o ‘*fondue*’ chinês”. Esse prato é uma sopa e você pode escolher verdura, carne, cogumelo, todas as misturas você coloca nesse “*hotpot*”. Esse restaurante ficava numa região conhecida como a região da pimenta, e essa minha amiga que era de lá falou: “Vamos pedir algo apimentado, Thomas, porque o apimentado que é o bom”. E aí foi eu, meu irmão e ela, colocando a carne. A sopa era vermelha de pimenta. Vermelha, vermelha. E ela comia e não bebia água, não bebia nada. Já eu comia um pedacinho de carne, uma verdura, tinha que beber quase dois litros de Coca-Cola, porque eu não aguentava aquela pimenta. Foi uma experiência difícil, mas, por outro lado, o legal de se aprofundar na gastronomia e aproveitar os pratos típicos é que você conhece um país como ele tem que ser conhecido.

Thomas Law

Uma coisa bem doida

Quando eu tinha uns três, quatro anos, ficava brincando de cozinhar com plantas, mas logo em seguida meus pais tiveram um restaurante de comida chinesa na Liberdade, e passei a conviver com tudo, tipo: clientes comendo, aquela correria da cozinha. Toda vez que eu entrava ali, minha mãe falava: “Sai daqui menina!”. Porque era perigoso. Mas foi assim que comecei a ter contato com o cozinhar. Lembro que, quando voltava da escola, eu entrava lá na geladeira, pegava os ingredientes e aí fazia alguma coisinha para comer em um fogãozinho que eu podia usar. Era um lanchinho ou, sei lá, uma sopinha, mas eu achava muito legal.

Meus pais vieram de Guangzhou, e eu tinha muito contato com a cultura chinesa. Meu pai, inclusive, participava de uma associação de chineses aqui no Brasil, e aí os amigos deles eram praticamente todos da comunidade, pessoas que tinham vindo para cá para trabalhar. Só na escola é que eu fui conhecer mais de perto a realidade brasileira. Lembro que às vezes eu levava alguma comida que o pessoal olhava e ficava: “Que é isso?”, “Eita!”. É uma coisa bem doida isso de você crescer em dois tipos de cultura diferentes, praticamente opostas, mas eu tive sorte porque meus amigos foram receptivos; eles me abraçaram e abraçaram a cultura da minha família.

Eu fazia faculdade de Contabilidade quando conheci um amigo que trabalhava em restaurante, e a gente conversava muito sobre comida. Sempre antes da aula a gente estava lá, falando: “Ah, o que é que é bom, onde que é gostoso?”. “E como é que faz isso, aquilo?”. E aí, esse meu amigo fez um canal sobre culinária asiática junto com outro colega nosso. Eles são japoneses e queriam desmitificar a cultura. Tipo assim: o pessoal, quando pensa em comida japonesa, pensa que é *sushi* e peixe cru, mas, na verdade, tem infinitas coisas. E eu sentia isso também em relação à cultura, à culinária chinesa. Comentei isso e eles falaram: “Vamos chamar a Cíntia e aí a gente deixa o nosso grupo mais amplo.”

Já visitei várias vezes a cidade dos meus pais, inclusive eu adoro ir para lá. Gosto muito da comida, claro, porque desde pequena eu já tinha esse contato. Então, assim, quando eu cheguei lá, falei: “Gente, eu amo essa cidade!”. Eu gostava muito de passear sozinha, pegar ônibus e ir conhecendo os lugares. E comendo em cada esquina, porque lá é muito comum comida de rua. Toda vez eu visitava meus avós paternos e, na medida do possível, eu ia passear com eles, acompanhar. Eles moraram conosco um tempo no Brasil e depois voltaram. Meu avô, inclusive, faleceu no começo da pandemia do coronavírus. Então, assim, mesmo que eu não tenha tido vários momentos com eles, de tipo crescer, de viver, ali na China a gente teve situações alegres. Então, nossa, eu achava muito bom ir para lá e queria um dia poder morar por um tempo, ter aquela vivência; acho que seria muito legal.

Cíntia Zhu



Cíntia durante sua primeira viagem à China, 2016.

Foto do final do ano de 1991,
na primeira república na qual
Lúcia morou em Hong Kong



A busca da memória

Minha família toda é comerciante de pastelaria. Meus pais são da região de Cantão, que a gente chama hoje de Guangzhou ou Guangdong, e nós tínhamos uma vida forte nesse comércio. Aos domingos a gente saía em família para almoçar, mas na volta passava na pastelaria, para ver se estava tudo bem, se precisava de alguma coisa. Minha infância foi muito voltada para essa coisa de mercadoria chegando, de quilos de farinha, sacos de farinha, sacos de açúcar.

Na época do ensino médio, aos quinze anos, eu fui para a China. O plano era fazer um curso de verão com minha irmã e meus primos, mas gostei e perguntei para meu pai se podia continuar mais um tempo por lá. “Tudo bem”, ele falou. Fiquei num internato que hoje faz parte da faculdade em Guangzhou.

Quando chegaram as férias de verão não dava para voltar para o Brasil, então eu peguei um trem sozinha para ir a Pequim. A viagem durava 72 horas e tinha um grupo de colegas de trabalho que viajava do meu lado, no mesmo compartimento. Eles estavam indo passear e ficaram assustados ao ver uma adolescente viajando sozinha. Aí falaram: “Se você quiser, pode passear com a gente”. E lá fui eu visitar a Grande Muralha e tal com eles. Eu tinha quinze anos e eles, sei lá, trinta. A gente simpaticizou tanto que eles falaram assim: “Lucia, daqui a alguns dias nós vamos conhecer a Mongólia Interior. Você quer vir?”, eles perguntaram. “Quero!” E fui. A gente tomou

o trem, foi para a Mongólia Interior e tomamos até leite salgado de camelo lá, uma coisa assim, doida.

Uma outra vez eu tive que comprar uma passagem de trem de Cantão para Pequim. A estação era imensa, com filas enormes e tudo estava escrito em chinês. Fui para uma fila que tinha umas cinquenta pessoas na minha frente e fiquei lá uma hora, uma hora e meia, esperando. Quando chegou minha vez mostrei a carteirinha de estudante estrangeira e a moça do guichê falou assim: “A fila para estrangeiros não é aqui”.

Recentemente, em 2019, comecei a fazer uma pesquisa para o mestrado sobre imigração chinesa. Por ter crescido nesse meio sei que eles viram muita coisa: viram o crescimento do Brasil com Kubitschek, a hiperinflação, a democratização, tudo. Fora os casos familiares. Comecei, então, a falar com as pessoas, algumas com mais de oitenta anos, e quanto mais eu ouvia, mais tinha certeza de que essa é uma parte desconhecida da história. Eu pensava: “Puxa, precisa registrar isso”. E o curioso agora é que, em vez de entrevistar, eu é que estou sendo entrevistada. E eu, sendo filha de imigrantes, já conto coisas diferentes das que eles contam. É estranho e interessante estar do outro lado, eu fiquei tocada com essa experiência.

Lúcia Wong Desbrosses

Ficha Técnica

Livro “Visões do Outro: Diálogos entre Brasil e China”

Edição

Marcus Aurelius Pimenta

Projeto Gráfico

Editora Olhares

Revisão

Maria Fernanda Alvares

Fotografias

Acervo pessoal dos entrevistados

Projeto “Imigração Chinesa”

Pesquisa, Entrevista e

Revisão da Transcrição

Genivaldo Cavalcanti Filho

Grazielle Pellicel

Transcrição

Selma Paiva

Gravações e Edição de

Depoimentos

Alisson da Paz

Apoio à Pesquisa

Raquel Ribeiro

Agradecimentos aos Entrevistados

Carlos Chen, Cintia Zhu, Guilherme

Gorgulho Braz, I Ming, In Hsieh,

Jiang Pu, Lúcia Wong Desbrosses,

Mao Hun Tseng (Simon Mao),

Marcelo Machado, Marília Andrade

(Li An), Paulina Cho, Raquel Pic

Martins, Rebeca Jun Lin, Rogério

Cerqueira Leite, Tai Hsuan An,

Thomas Law, Tsai Siu Mui, Verena

Veludo Papacidero, Wally Fonseca

Chan Pereira, Yaruí Dun

Museu da Pessoa

Karen Worcman

Diretora-Presidente

Marcos Terra

Diretor Executivo

Administrativo

Ricardo Villardi

Allan Fava

Dalci Alves da Silva

Erika Viana

Museologia

Lucas Lara

Felipe Rocha

Renata Pante

Teresa Magalhães

Mathilde Rousseaux

Desenvolvimento Institucional

Pedro Carioca

Eduardo Valente

Comunicação

Anna Bella Bernardes

Erik Araújo

Isadora Catem

Relações Institucionais

Rozana Miziara

Tecnologia e Inovação

Odilon Gonçalves

Multiplicação

Marcela Lanza

Educativo

Sonia Helena London

Marcia Trezza

Projetos

Renato Herzog

Ane Alves

Lucas Torigoe

Rodolfo Yamamoto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha elaborada segundo a AACR2r

B452

Visões do outro: diálogos entre Brasil e China / edição e texto

Marcus Aurelius Pimenta ; pesquisa, entrevista e assistência editorial

Genivaldo Cavalcanti Filho e Grazielle Pellicel. — São Paulo : Museu

da Pessoa, 2020.

125 p. : il. fot. ; 25 cm.

ISBN 978-85-60505-53-1

1. Memórias. 2. História cultural. 3. História contemporânea.

4. Cultura brasileira. 5. China. I. Pimenta, Marcus Aurelius. II. Filho,

Genivaldo Cavalcanti III. Pellicel, Grazielle. IV. Título.

CDU 39

CDD 306

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Renata Fernandes

Veloso Baralle — CRB-8/10366

Patrocínio



Realização

MUSEU DA
PESSOA



Patrocínio



Realização

MUSEU DA
PESSOA

